



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 22 - julho de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i22p220-235>

Literatura e jornalismo: limiares¹

Literature and journalism: thresholds

*Maria Rosa Duarte de Oliveira**

RESUMO

O artigo focaliza os vínculos entre literatura e jornalismo a partir de algumas zonas de tensão, nas quais, mais do que fronteiras, o que se estabelece são “passagens” e “limiares”, que suspendem a separação estrita entre o literário e o jornalístico. A partir da perspectiva do campo enunciativo do discurso e de seus efeitos sobre a recepção, a análise centra-se em dois momentos: no primeiro, o foco está na atuação de escritores-jornalistas, como é o caso de Machado de Assis, em periódicos do século XIX e, no segundo, está num experimento realizado em livro anterior da autora – *João Goulart na imprensa: de personalidade a personagem* (2001) –, no qual uma figura pública, o presidente João Goulart, é transformada em personagem de um “romance-mosaico” construído a partir da apropriação de notícias, fotografias, charges e manchetes de três dos jornais mais influentes no período: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Última Hora*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Jornal; Limiar; Discurso; Personagem

ABSTRACT

The article focuses on the links between literature and journalism from some areas of tension in which, rather than borders, “passagens” and “thresholds” are established suspending the strict separation between literature and journalism. From the perspective of the field of speech and its effects on the reception, the analysis centers on two moments. In the first moment, it focuses on the unique role of writers-journalists, as is the case of Machado de Assis, in journals of the nineteenth century, and, in the second, the focus is an experiment conducted in the author’s previous book – *João Goulart na imprensa: de personalidade a personagem* (2001) –, in which a public figure, President João Goulart, is transformed into a “mosaic novel” character constructed from a patchwork of news, photographs, cartoons and headlines of the three most influential newspapers in the period: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* and *Última Hora*.

KEYWORDS: Literature; Newspaper; Threshold; Speech; Character

¹ Este ensaio teve sua primeira versão publicada na *Revista Ângulo* (impresso), n.131, out./dez. 2012, p. 55-61, indisponível em versão digital. Neste, foram realizadas atualizações e novas correlações.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes; Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. São Paulo – SP – Brasil – mrduarte@pucsp.br

O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo). Participa de um diálogo que pode ser terminado e até concluído, que pode passar à ação, pode tornar-se força empírica. [...]

Quando penetramos no campo do jornalismo de Dostoiévski, observamos um brusco estreitamento do horizonte, desaparece a universalidade de seus romances, embora os problemas da vida pessoal das personagens sejam substituídos por problemas sociais, políticos. (BAKHTIN, 2003, p. 388-389).

As epígrafes instauram, logo de saída, um desafio para a reflexão sobre este espaço de limite e diálogo no limiar de dois tipos de discursos – o jornalístico e o literário – posicionados em áreas diferentes do saber, porém, intrinsecamente ligados pela esfera do discurso e das hibridizações que marcaram, desde o início, o surgimento da imprensa no Brasil e da constante atuação dos escritores nesse novo meio que despontava como ideal para um jovem escritor como Machado de Assis, ao dizer, de forma entusiástica, em “A Reforma pelo Jornal”, de 1859:

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é ainda o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão. (ASSIS, 1992, p. 963).

Com efeito, o jornal, no século XIX, era o novo meio de comunicação que oferecia ao escritor a oportunidade de viver de seu trabalho, atuando como crítico (teatral, literário etc.), cronista e folhetinista. Foi nos periódicos, também, que José de Alencar publicou suas crônicas e Machado de Assis seus quase 200 contos e a maioria de seus romances “aos pedaços”. A atuação na imprensa não foi privilégio apenas desses escritores, mas de outros também, como Olavo Bilac, Raul Pompeia, Aluísio Azevedo, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, para não falar de escritores mais contemporâneos como Ignácio de Loyola Brandão e Milton Hatoum.

Se Bakhtin aponta uma diferença radical entre o Dostoiévski jornalista e o escritor, isto é, o alcance do grau de discussão que, num primeiro momento, Machado priorizou na imprensa, deve-se ao vínculo da linguagem jornalística com a ação e a mobilização de crenças que visam ao questionamento e à determinação da verdade, mesmo que por meio do confronto entre diferentes posicionamentos ideológicos. Já na

literatura, especialmente no romance de Dostoiévski no qual Bakhtin encontra a matriz da polifonia em seu mais alto grau, potencializa-se a multiplicidade de versões e perspectivas num campo de forças em tensão dialética e dialogal entre as personagens, em desacordo inclusive com elas mesmas, o narrador e o próprio autor, sem necessidade de finalização, de modo que o inacabamento é bem-vindo.

Mas a questão emerge como instigação ao limite do pensar, justamente neste espaço de limiar entre literatura e jornal, lugar de hibridização no qual as diferenças permanecem, porém, num todo relacional que as mantém em movimento contínuo entre a potencialidade de sim e de não. Uma zona de indefinição, enfim, que é e não é literatura; é e não é jornalismo.

Tal é o que ocorre na crônica, por exemplo, gênero tão escorregadio e rebelde a definições, no qual esse limiar² entre literatura e jornal mais se evidencia. Impossível não pensar em peças antológicas como esta que nos vem, mais uma vez, de Machado de Assis. Trata-se do fragmento de uma crônica da seção “A Semana”, de 16/10/1892, publicada no periódico *A Gazeta de Notícias*, que narra a inauguração dos bondes elétricos no Rio de Janeiro do século XIX. O que vemos na cena é o cronista em diálogo com dois burros para sugerir a crítica irônica ao poder econômico e social, por meio de uma estratégia literária alicerçada sobre a matriz popular da fábula, na qual se mesclam a fantasia e a moralidade:

[...] O *bond* elétrico apenas nos fará mudar de senhor.

– De que modo?

– Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.

– Pela burra de Balaão! Exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? Nenhum prêmio? Nenhum sinal de gratificação? Oh! Mas onde está a justiça deste mundo? [...]

– Tu és lúgubre, disse o burro da esquerda. Não conheces a língua da esperança.

– Pode ser, meu colega; mas a esperança é própria das espécies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza sem par. A nossa raça é essencialmente filosófica. [...] aproveitei a ocasião e murmurei baixinho entre os dois burros:

– *Houyhnhnms!*

Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

² O conceito de limiar é formulado por Walter Benjamin, em *Passagens*, no qual afirma que: [...] “O limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [*Grenze*]. O limiar é um zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* [inchar, entumescer], e a etimologia não deve negligenciar estes significados.” (BENJAMIN, 2007, p. 535).

– Que homem és tu, que sabes a nossa língua? (ASSIS, 1992, p. 552-553).

Como cronista, Machado produziu verdadeiras obras-primas no gênero, cuja força está na contaminação do cotidiano pelo literário. Esse trabalho construtivo faz com que o cronista recolha dos jornais que lê a matéria-prima de sua crônica para explorar, justamente, o efeito estético, isto é, promover tal combinatória pelo discurso de modo a acionar o imaginário e o ficcional em detrimento do informativo. Esse discurso singular, com seu ritmo próprio dado pela pontuação, pela vivacidade dos diálogos e pelas combinações e cortes inusitados, é que faz de Machado de Assis um verdadeiro “clássico”, capaz de atravessar fronteiras e ser apreciado por aquele leitor disponível para o pacto ficcional.

Se pensarmos, como Agamben, que o contemporâneo está no escuro de uma época, no inatual que submerge ao atual (AGAMBEN, 2009, p. 62-63), então, o “achado” machadiano pode ainda nos surpreender com aquilo que não está lá e permanece inapreensível, instigando o pensamento do impensado: o que emerge no espaço vazio e potencial entre jornal e literatura?

Responder a esse desafio foi o elemento propulsor de um trabalho anterior da autora – *João Goulart na imprensa: de personalidade a personagem* (2001), livro gerado a partir de sua tese de doutoramento, no qual busca refletir sobre esse ponto de limiar ao focalizar a tênue fronteira entre realidade e ficção, que emana do discurso jornalístico, aproximando-o do campo literário. Para responder a essa “velha” questão, projetou-se um experimento que pudesse fornecer material de reflexão e análise na medida em que criasse, a partir dos três jornais mais atuantes na época de 1964 – *Folha de S. Paulo*, *Última Hora* e *O Estado de S. Paulo* –, a figura³ de João Goulart, pessoa e personagem de uma espécie de *romance-mosaico* – “João Goulart: Memórias 13 & 31” – encarte construído a partir de retalhos de notícias, editoriais, fotografias, charges e manchetes apropriadas e reconfiguradas a partir das próprias fontes jornalísticas.

³ Figuração e refiguração são conceitos desenvolvidos pelo *Dicionário de estudos narrativos* (2018), de Carlos Reis, entendendo-se que são dispositivos ficcionais que podem, a partir de uma figura histórica – como João Goulart, por exemplo –, criar a sua refiguração, ou sobrevida, no âmbito de um discurso ficcional, isto é, “[...] a possibilidade de uma figuração ser retomada e reelaborada noutros suportes e contextos [...] reelaboração que, entretanto, permite à personagem sobreviver e mesmo regenerar-se, para além da história que primeiro habitou. Por outro lado, a refiguração pode ocorrer também em práticas narrativas (p. ex., em certos relatos mediáticos) que lidam com personalidades reais, eventualmente objeto de sobrevidas paraficcionais.” (2018, p. 168).

Um exemplo disso é o que acontece quando da cobertura da posse por meio de dois significativos jornais da imprensa paulista – *O Estado de S. Paulo* e *Última Hora* –, mobilizando a opinião pública com posicionamentos contrários. Num curioso diário que busca documentar a ação popular do Rio Grande do Sul, sob o comando de seu governador Leonel Brizola, cunhado de Jango, a edição de *Última Hora* de 08/09/1961 posiciona-se favoravelmente à luta de Goulart em defesa de seu mandato:

Sexta, 1-09-1961: Foi o dia do desapontamento. A notícia da vinda de Jango arrancou os porto-alegrenses de casa e os levou para a praça pública [...]. O povo então invadiu a Praça da Matriz e o largo fronteiro ao Palácio Piratini, na maior manifestação de que Porto Alegre teve notícia. Mais de cinquenta mil pessoas se aglomeravam aguardando a palavra do presidente. Finalmente, Jango surgiu na sacada do palácio, anunciado pelos locutores, aclamado pelo povo, mas mudo como uma pedra. Acenou, sorriu e voltou-se para dentro. O povo estupefato esperou duas horas. Por fim cansou e voltou para casa revoltado [...] Jango ganhava a presidência e perdia a população.

O tom e o ritmo da narração fazem com que a informação submerja frente ao modo como se constrói, gradativamente, uma cena que se projeta na imaginação do leitor, no aqui e agora de sua leitura, irmanando-o ao sentimento do povo na expectativa frustrada de aclamação de seu herói presidente.

É nítido o uso de recursos literários em detrimento do relato jornalístico. No entanto, poderíamos questionar se haveria o estabelecimento de um limiar que nos levasse à indecisão sobre aquilo que é e não é fato jornalístico; é e não é fato ficcional e literário. Até que ponto o que há de ficcional aí não é apenas uma maneira de emprestar um tom artificialmente dramático que posiciona *Última Hora* como aparente porta-voz de um sentimento popular, que é, na verdade, forjado por ela própria a fim de confrontar-se com seu outro – *O Estado de S. Paulo* –, que em matéria publicada em 05/09/61 – “Decepcionado o povo gaúcho com as posições assumidas por João Goulart e Brizola” – aponta para o mesmo desapontamento popular, porém, assumindo direção diversa:

A impressão do povo gaúcho é a de que os srs. João Goulart e Leonel Brizola abandonaram praticamente a causa que lhes serviu de pretexto para manter o país em suspense durante uma semana, porque entraram em acordo – assim se considera – com políticos do PSD, com os ministros militares e com os parlamentares do PTB [...]. O povo gaúcho – pelo menos boa parte da população – lamenta agora ter apoiado a campanha pela posse do sr. João Goulart, e julga que ele e o

governador gaúcho não fizeram outra coisa senão utilizar-se da causa enquanto ela lhes serviu como objeto de transação.

O procedimento de ambos os jornais é o mesmo: instaurar-se como porta-voz do povo, tido como sujeito de uma interpretação que não produziu. Aqui, a intensificação do tom emocional se reduz com expressões que procuram garantir a objetividade do discurso jornalístico – “assim se considera”; “o povo gaúcho, pelo menos boa parte da população” –, mas não é suficiente para encobrir a fabricação de uma versão dos fatos que projeta na figura do noticiado a mesma manipulação do próprio jornal em relação à opinião pública.

Evidentemente que é no espaço dessas versões dissonantes que a leitura atenta pode inferir a assimetria entre as palavras e as coisas, ou seja, o fato de o discurso jornalístico, como o literário e os demais, ter uma natureza representativa, e disso decorre que nenhum signo, nem mesmo o mais mimético ao seu objeto, pode ser igual à realidade que almeja representar. Daí a investigação do mais ínfimo dos acontecimentos se abrir em *rizoma*⁴, isto é, num sistema imerso em complexidade, descentrado e com múltiplas conexões, que se transformam, continuamente, em fluxos de desterritorialização e reterritorialização. Como, então, cobrir um fato jornalístico como “acontecimento rizomático” sem enfrentar essa impossibilidade de acesso, via signo, de todos os ângulos de seu objeto de representação? Daí podermos inferir, talvez, que é o limiar ficção-realidade que está no centro desse diálogo possível entre jornalismo e literatura.

Nessa direção, não há como furtar-se de trazer para reflexão algo singular ocorrido, justamente, no dia 31 de março de 1964, dia do golpe militar, quando a *Folha de S.Paulo* publica, no seu segundo caderno, o “Suplemento 64 – Brasil continua”. Trata-se de um verdadeiro hino de fé, no qual o jornal se apropria da literatura e do anúncio para construir visão idealizada de um Brasil diametralmente oposto à situação complexa do acontecimento que se delineava na realidade e que culminaria, nesse dia, na deposição do presidente João Goulart.

⁴ Para maiores esclarecimentos sobre este conceito fundamental elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, ver: I. Introdução: Rizoma (p. 17-49) em *Mil Platôs*. Aí lê-se que: “[...] o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.” (2011, p. 43).

Para efeito de análise, selecionamos duas páginas do Suplemento nas quais é possível observar como se faz a passagem entre mito-literatura e anúncio como pseudoinformação. É McLuhan quem, ainda na década de 1960, nos dá uma interpretação bastante lúcida sobre essa questão:

Anúncios são notícias. O que há de mal neles é que são sempre boas notícias. Para contrabalançar o efeito e vender boas notícias, tendo em vista a intensidade por contraste e a participação do leitor. Como já se observou, notícia de verdade é má notícia – e os jornais, desde o início do jornalismo, podem testemunhá-lo [...]. Por contraste, para neutralizar a força penetrante das más notícias, os anúncios têm de emitir a sua mensagem em tom alto e claro. (1969, p. 237-238).

Na página a seguir (Figura 1), observemos o anúncio da Votorantim, que traz, para primeiro plano, um Brasil mítico e, o mais surpreendente ainda, uma indústria que surge sem explicação, magicamente, sem tempo e espaço, do nada:

E um dia ao que se fez faltava.
E criou-se a indústria.
Pense brasileiro. Do nada fez-se uma Nação. Pense e ajude a paz.
Brasileiro: 64 é o Brasil
E depende de você. (FOLHA DE S.PAULO, 31/03/1964).

Figura 1 – Folha de S.Paulo, 31/03/1964

Cresce no Brasil a produção de adubos: triplicou em 6 anos

CAPIAT, FERTILIZANTES

Em seis anos, a produção de adubos no Brasil triplicou, segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O crescimento ocorreu em função da expansão da indústria química e da demanda por fertilizantes para a agricultura.

Os dados mostram que a produção passou de cerca de 100 mil toneladas em 1958 para mais de 300 mil toneladas em 1964. Isso representa um aumento de 200% em apenas seis anos.

A principal razão para esse crescimento é a expansão da indústria química brasileira, especialmente a produção de amônia e ácido sulfúrico, que são essenciais para a fabricação de fertilizantes.

Além disso, a demanda por alimentos cresceu rapidamente devido ao aumento da população e à necessidade de expandir a área cultivada. Isso levou os produtores a buscar soluções para aumentar a produtividade das terras, utilizando fertilizantes sintéticos.

O CNPq destaca que esse avanço é um marco importante para a indústria química nacional e para a segurança alimentar do país.

64 É O BRASIL

1.500 - DESCOBERTA MATO SELVA. NADA QUATROCENTOS ANOS SE PASSARAM QUANTO CUSTOU PARA UM PAÍS COMEÇAR A CRESCER? PENSE BRASILEIRO. DO NADA SE FEZ 80 MILHÕES.

A SELVA FOI CORTADA. AO SÓM SELVAGEM UNI-USE O CANTO DO BOIA DEIRO. DA ROCA. DO MOINHO D'ÁGUA. DO PILÃO. DO BUM-BUM. BUM SOCANDO O ARROZ. SOCANDO O CAFÉ.

E UM DIA, AO QUE SE FEZ FALTAVA. E CRIOU-SE A INDÚSTRIA.

PENSE BRASILEIRO. DO NADA FEZE UMA NAÇÃO. PENSE E AJUDE A PAZ. BRASILEIRO: 64 É O BRASIL. E DEPENDE DE VOCE.

US\$ 36 milhões para importação: mercado de vendedor e falta

COMÉRCIO EXTERNO

O Banco Itau S.A. anunciou a abertura de uma linha de crédito de US\$ 36 milhões para facilitar a importação de produtos estrangeiros. O objetivo é estimular o comércio exterior e atender à demanda por mercadorias não produzidas no Brasil.

A operação será realizada em conjunto com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O prazo de validade da linha é de 18 meses.

O Banco Itau S.A. também anunciou a abertura de uma nova agência em São Paulo, reforçando sua presença no mercado financeiro nacional.

Meta rodoviária é 10 mil km pavimentados

INFRAESTRUTURA

O governo federal estabeleceu uma meta de pavimentar 10 mil quilômetros de rodovias em todo o Brasil até o final do ano. A iniciativa faz parte do Plano Nacional de Desenvolvimento e visa melhorar a infraestrutura de transporte e facilitar o acesso a regiões menos desenvolvidas.

Até o momento, foram concluídos cerca de 5 mil quilômetros de pavimentação. O restante será realizado em etapas ao longo do ano.

A pavimentação das rodovias é considerada uma prioridade para o desenvolvimento econômico do país, pois reduz os custos de transporte e melhora a segurança das viagens.

RFF perde 2 cruzeiros cada 1 ganho

FINANÇAS

O Real Financeiro (RFF) sofreu uma queda de 2 cruzeiros para cada 1 ganho, refletindo a desconfiança do mercado em relação à política econômica do governo. A situação levou a uma valorização do dólar e a uma perda de credibilidade para o Real Financeiro.

Essa situação é preocupante para o governo, pois pode levar a uma crise de confiança e a uma fuga de capitais. O Banco Central está monitorando de perto a situação e pode tomar medidas para estabilizar o mercado financeiro.

Banco Colonial de São Paulo S/A

FINANÇAS

O Banco Colonial de São Paulo S/A anunciou a abertura de uma nova agência em São Paulo, reforçando sua presença no mercado financeiro nacional. O banco também anunciou a abertura de uma linha de crédito para facilitar a importação de produtos estrangeiros.

O Banco Colonial de São Paulo S/A é uma instituição financeira importante para o desenvolvimento econômico do país, oferecendo uma variedade de serviços financeiros e de crédito.

GRUPO VOTORANTIM

S/A INDUSTRIAS VOTORANTIM
SIDERURGICA BARRA MANS A S/A
CIA. BRASILEIRA DE ALUMINIO
CIA. DE MINERACAO SAO MATEUS
INDUSTRIA E COMERCIO METALURGICA ATLAS S/A
INDUSTRIA BRASILEIRA DE ARTIGOS REFRACTARIOS S/A

NOVO CHEVROLET

ECONOMIA, ROBUSTEZ, BELEZA E POTÊNCIA COMO V. NUNCA VIU IGUAL!

CAMINHÃO MÉDIO COM POTÊNCIA DE CAMINHÃO PESADO!

PROTEÇÃO GERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

Fonte: Acervo digital, Folha de S.Paulo

Na página seguinte, apenas boas notícias, que se disseminam por todo o espaço, vindas de diferentes anunciantes empresariais – Ultragaz, Simca, Incorporadora Andraus, Santapaula Melhoramentos, e que culminam com o anúncio da SEMP: “E por falar em crises... nós não acreditamos absolutamente nelas [...]. É por isso que nós estamos, como todos os brasileiros autênticos, do lado onde se situa o Brasil verdade, o Brasil confiante em suas ilimitadas possibilidades”.

Enfim, forja-se um coro laudatório construtor de uma falsa imagem de Brasil, com a clara intenção de desviar os leitores da gravidade dos acontecimentos políticos, que culminariam com o golpe militar e com a deposição do presidente João Goulart, nesse fatídico 31 de março de 1964, dando início ao período ditatorial (Figura 2).

Figura 2 - Folha de S.Paulo, 31/03/1964



Fonte: Acervo digital, Folha de S.Paulo

Esse Suplemento é alvo de outros trabalhos críticos, sob a perspectiva do diálogo entre jornalismo, memória e política, como é o caso do artigo “64 Brasil continua”: História, memória e as impressões da *Folha de S.Paulo* sobre o golpe militar de 64, de André Bonsanto Dias, publicado na *Revista Brasileira de História da Mídia*, de 2013.

Embora por uma outra perspectiva – a do jornal como construtor de

acontecimentos e de memória com atuação em duas frentes: a econômica-empresarial e a política, perceptível nos anunciantes desse Suplemento –, o artigo acaba fortalecendo a nossa interpretação crítica, que entende “64-Brasil continua” como uma montagem figurativa que atua sobre a recepção no intuito de fortalecer a crença de que o jornal unido aos empresários anunciantes lutam pela democracia, contra o demônio comunista e, paradoxalmente, ao lado das forças desencadeadoras do golpe militar e da ditadura.

Fica evidente a carga ficcional desse material jornalístico cujo potencial poderia ser explorado por um novo uso. Essa foi a meta de “João Goulart: Memórias 13 & 31”, que reconfigurou, pela montagem desses retalhos de notícias e anúncios, o cenário adverso para uma personagem – João Goulart – eliminada, simplesmente, do centro dos acontecimentos dos quais era pivô. Revelar, deliberadamente, essa tensão capaz de colocar em primeiro plano o potencial ficcional dos acontecimentos noticiáveis pelos jornais é o que podemos observar em duas das páginas do encarte “João Goulart: Memórias 13 & 31”.

Na primeira (Figura 3), desde o título, estabelece-se uma correlação com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, mais especificamente, com a extraordinária coincidência de como a simples inversão de um número – 13 X 31 – pode determinar o verso e o anverso de um acontecimento: lá, de uma data fatídica (o 13, sexta-feira), cuja simples inversão decretou a súbita passagem da queda para a ascensão da personagem Lobo Neves, o marido de Virgília⁵, a um cargo público; aqui, ganha relevo a figura do presidente João Goulart, que caminha da “apoteose”, no comício na Central do Brasil em 13 de março de 1964, para a deposição em 31 de março do mesmo ano. Além disso, a seleção e a combinação da sequência de fotos sugere, também, a tensão entre a festa de “entronização” do herói pelo povo e a sua queda pelo poder militar, que o mantém ilhado, no meio de um “cerco” de oficiais do exército, como podemos inferir de uma das fotos, colocada ao final da sequência.

⁵ Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, os capítulos LXXXIII “13” e CX “31” são aqueles que motivaram essa curiosa aproximação entre literatura e fato jornalístico, já que ambos foram marcados por este estranho espelhamento numérico -13 X 31- gerador de acontecimentos com forças contrárias. Vale a pena a releitura desse lapidar capítulo “31”, que, concentradamente, diz tudo: “Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas que são as molas da vida!” (ASSIS, 2008, p. 211).

Figura 3 - Encarte João Goulart: Memórias 13&31



Fonte: Acervo digital, *Folha de S.Paulo*, *Última Hora*, *O Estado de S.Paulo*, 1964

Na segunda (Figura 4), a montagem torna visível o confronto entre duas interpretações sobre o comício de 13 de março: a do *O Estado de S. Paulo*, que o vê como expressão de totalitarismo e a de *Última Hora*, que reverte o qualificador para o “inimigo declarado” do presidente: Carlos Lacerda, governador do Rio de Janeiro na época, graças a sua atitude intempestiva de “mandar arrancar todas as faixas do comício”. A galeria de fotos de ditadores, por sua vez, opera como um intensificador do significado “totalitarista” que se pretende atribuir ao presidente João Goulart, por meio da exposição da foto do comício do dia 13, estrategicamente colocada ao final, fechando, com “chave de ouro”, a linhagem ditatorial.

procedimentos de seleção e combinação e o efeito sobre a recepção, que denuncie um universo mais complexo, de modo que “[...] o sinal de ficção não designa nem mais a ficção como tal, mas sim o ‘contrato’ entre autor e leitor, cuja regulamentação comprova o texto não como discurso, mas como ‘discurso encenado’.” (ISER, 1996, p. 23).

“João Goulart: Memórias de 13 & 31” teve, assim, um objetivo experimental e investigativo sobre a natureza desse limiar entre o jornalístico e o literário, tendo por elemento comum a construção ficcional: em que medida ambos os discursos fazem uso da ficção e como delimitar as fronteiras que os separam? Questão para a qual um autor como Valêncio Xavier, por exemplo, respondeu ficcionalmente com o romance *O mês da gripe*, de 1981, no qual inscreve as vozes de jornais, poemas, anúncios, receitas, obituários, relatórios médicos, anuários etc. sobre a gripe espanhola de 1918 no Brasil e reconfigura, por meio da orquestração polifônica de vozes e gêneros, a complexidade de um acontecimento rizomático, que, ao mesmo tempo, é e não é fato histórico; é e não é pura ficção.

Trata-se, então, de pressupor um conceito de ficção que não é mais oposto ao de realidade, como pares dicotômicos falso X verdadeiro, mas implica relações mais complexas no processo dialético que as integra, porém, sem identificá-las, como aponta Iser em *O fictício e o imaginário*:

Como o fictício e o imaginário fazem parte das disposições antropológicas, existem também na vida real e não se restringem à literatura. Mas o que caracteriza a literatura é a articulação organizada do fictício e do imaginário. [...]

Os textos ‘ficcionalizados’ serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fato isentos de ficções? Como não se pode negar a legitimidade da pergunta, cabe indagar se o ‘saber tácito’ a opor ficção e realidade ainda pode ser de alguma valia para a descrição dos textos ficcionais. [...] Nesta relação, aparece, pois, algo mais que uma oposição, de modo que a relação dupla da ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação tríplice. Como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a preparação de um imaginário. (1996, p. 11-13).

E aí está algo central para a discussão: o fato de essa encenação ficcional-literária ser construída para proporcionar a visão de uma realidade de outra ordem, nascente a cada momento em que a percepção do leitor entra na linguagem e corporifica um ser feito de “[...] farrapos de impalpável cosidos a ponto precário com a agulha da

imaginação [...]”, como diria Machado de Assis (2008, p. 56). A função não é, portanto, a de identificar ou reconhecer, mas de expandir o pensamento para entrever um lugar no qual ao invés de oposições e determinações se possa caminhar sobre espaços de passagem, nos quais os vazios incitam a apreensão daquilo que ainda não está identificável, que exige esforço para compreender e, ao mesmo tempo, nega-se à interpretação.

O escritor e ensaísta Juan José Saer, em *El concepto de ficción*, traz mais uma intervenção que pode ampliar essa reflexão, quando afirma que:

[...] Mas que ninguém se confunda: não se escrevem ficções para evitar, por imaturidade ou irresponsabilidade, os rigores que exige o tratamento da ‘verdade’, mas justamente para por em evidência o caráter complexo da situação, caráter complexo cujo tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento. Ao dar um salto até o inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. [...]

Por isso, não podemos ignorar que nas grandes ficções de nosso tempo, e talvez de todos os tempos, está presente esse cruzamento crítico entre verdade e falsidade, essa tensão íntima e decisiva, não isenta nem de comicidade, nem de gravidade, como a ordem central de todas elas, às vezes como tema explícito e às vezes como fundamento implícito de sua estrutura. O fim da ficção não é transmitir esse conflito, mas fazer dele sua matéria, modelando-a “à sua maneira”. (2010, p. 11-15)⁶.

Toda a diferença reside, então, em acirrar esse espaço de limiar entre o jornalístico e o literário, tal como o encarte “João Goulart-Memórias 13 & 31” fez, de modo a colocar a nu essa tensão irresolvível entre o que é e não é fato jornalístico; é ou não é um acontecimento imaginário e ficcional. Inquietante é pensar que a literatura é, justamente, aquela que revela essa complexidade, abrindo para regiões insondáveis e alargando a cognição humana.

⁶ [...] Pero que nadie se confunda: no se escriben ficciones para eludir, por inmadurez o irresponsabilidad, los rigores que exige el tratamiento de la “verdad”, sino justamente para poner en evidencia el carácter complejo de la situación, carácter complejo del que el tratamiento limitado a lo verificable implica una reducción abusiva y un empobrecimiento. Al dar un salto hacia lo inverificable, la ficción multiplica al infinito las posibilidades de tratamiento. [...] Por eso, no podemos ignorar que en las grandes ficciones de nuestro tiempo, y quizás de todos los tiempos, está presente ese entrecruzamiento crítico entre verdad y falsedad, esa tensión íntima y decisiva, no exenta ni de comicidad ni de gravedad, como el orden central de todas ellas, a veces como tema explícito y a veces como fundamento implícito de su estructura. El fin de la ficción no es expedirse en ese conflicto sino hacer de él su materia, modelándola “a su manera”. (Tradução nossa).

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ASSIS, M. **Obra completa**. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Globo, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Willi Bolle e Olgária Matos (Org.). Trad. Irene Aron. Belo Horizonte; São Paulo: Editora da UFMG; Imprensa Oficial, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. vol. 1. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIAS, A. B. “64 Brasil continua”: História, memória e as impressões da Folha de S.Paulo sobre o golpe militar de 64. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 2, n. 1, jan. 2013/jun. 2013. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/3844/2218>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- FOLHA DE S.PAULO. “Suplemento 64- Brasil continua”. **Acervo digital**. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- ISER, W. **O fictício e o imaginário**. Perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- O ESTADO DE S.PAULO. **Acervo digital**. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19640331-27281-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- OLIVEIRA, M. R. D. de. **João Goulart na imprensa**: de personalidade a personagem. Encarte: “João Goulart: Memórias 13 & 31”. 2. ed. ver. e amp. São Paulo: Annablume, 2001.
- REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: ALMEDINA, 2018.
- SAER, J. J. **El concepto de ficción**. 2. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2010.
- ÚLTIMA HORA. **Acervo digital**. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- XAVIER, V. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Data de submissão: 09/04/2019

Data de aprovação: 29/04/2019